



Visita do P. Adolf Nicolas, Geral SJ à Unicap, 12 de julho de 2013

- Pronunciamento do Pe. Geral –

“Unicap: na cidade das pontes, uma universidade sem fronteiras”.

A universidade é um campo apostólico privilegiado dos jesuítas na formação da juventude, de forma integral e visando a excelência. A universidade jesuíta, porém não está a serviço da formação de elites como um grupo separado dos problemas da cidade, mas, ao contrário, trabalha a qualidade acadêmica como forma de inclusão social e visa a excelência humana para um maior serviço a esta mesma sociedade. Portanto, uma universidade é um meio concreto para atingir um fim apostólico, a saber, a formação qualificada dos jovens e sua excelência humana para assim contribuirmos na transformação das pessoas e das realidades sociais e históricas, em vista da construção do Reino de Deus.

Mas, afinal, porque uma universidade jesuíta aqui no Recife? E no Brasil, país emergente e promissor, até que ponto ainda se justifica a necessidade de atuação jesuíta na educação superior? Quais os desafios do apostolado acadêmico e quais as novas fronteiras da educação? O que distingue uma universidade jesuíta de outras instituições? Quais as perspectivas de futuro de uma universidade católica, jesuíta e comunitária no contexto de uma sociedade cada vez mais laica, um mundo totalmente globalizado e uma economia de mercado que se impõe?

Questões que nos habitam e nos interpelam na busca do sentido de nossa missão. Mais que responder a essas perguntas gostaria de refletir com vocês aqui presentes, tanto os jesuítas e colaboradores quanto os amigos e parceiros da Unicap, alguns princípios importantes para situar esta universidade no contexto da nossa missão de serviço à igreja e à sociedade. Em um mundo de muitas e rápidas mudanças, é preciso revisitar os fundamentos de nossa missão e, abertos aos sinais dos tempos, discernir os passos que somos convidados a dar na busca de refundação constante de nossas instituições, em vista do espírito que nos anima.

1. A Companhia de Jesus nasceu de um grupo de universitários sonhadores

De alguma forma, a ordem dos Jesuítas, nasceu de um grupo de estudantes universitários que sonhavam com um mundo diferente. Esse grupo dos primeiros companheiros queria transformar o mundo a partir das pessoas, buscando as mediações da manifestação e da glória de Deus. E, como diziam os Pais da Igreja, nos primeiros séculos do cristianismo, “a glória de Deus é que o ser humano viva plenamente” (Irineu Lyon). Nascida do coração da Igreja em tempos de reformas, a SJ surgiu no meio da efervescência universitária de Paris e desse grupo de companheiros liderados por Inácio de Loyola. Esse momento fundacional ficará marcado, artisticamente, na capela do campus recentemente reformada, com o toque de beleza ímpar de Cláudio Pastro.

Destaco a importância da renovação desse espaço precisamente neste ano em que o Brasil será o destino de milhões de jovens do mundo inteiro e no ano em que celebramos os 70 anos do início desse projeto universitário: esses símbolos remetem ao desejo de “refundação” e de renovação dessa instituição, plena de dinamismo. Como sabemos, cada semestre chega uma nova geração de estudantes: desejo que eles contribuam e participem da constante renovação da missão dessa universidade! Que esse novo espaço litúrgico, diferenciado, no coração da cidade e do campus, possa ser um verdadeiro oásis no meio do corre-corre urbano e dos compromissos acadêmicos!

Recordo como me inspirou um professor Budista em uma visita a um colégio nosso no Japão. Outro professor Budista havia sido contratado no colégio, inclusive porque havia ocultado sua participação em uma Seita (budista) bastante militante e anticristã. Parece que o novo professor vivia criticando o fato de haver uma capela no colégio, o que ele considerava parte de uma “lavagem cerebral” religiosa dos alunos. Nosso Budista mais antigo, porém, lhe disse: “veja, rapaz, tu não entendeste nada do que é a educação aqui; estás reclamando da existência da capela, mas neste colégio, quando entras pela porta, TUDO É CAPELA”. Eu nunca encontrei uma explicação melhor doo que nós jesuítas queremos com nossa educação. TUDO, quer dizer, as salas de aula, o pátio de recreio, as quadras de esportes, os laboratórios, o anfiteatro... TUDO é capela. E o que santifica um Colégio ou uma Universidade não são os espaços sagrados, mas os estudantes: eles são a Imagem de Deus que queremos dar a Deus, se queremos servir a um povo.

E que bonito seria se as pessoas, sobretudo os jovens estudantes, contemplando aquele grupo de universitários sonhadores do século XVI que deu origem à ordem dos jesuítas, dissessem algo assim: “se Inácio e os primeiros companheiros fizeram tantas coisas, eu também posso fazer algo para transformar o mundo!” Na verdade, foi assim que aconteceu com Iñigo de Loyola, cavaleiro medieval atingido em sua perna e em seu orgulho juvenil: convalescente, lendo história dos santos, ele se deu a si mesmo um desafio tão imaturo quão decisivo: “se São Francisco e São Domingos fizeram grandes prodígios, eu também posso fazer...” Ele ainda não havia descoberto que todo dom de transformação não nasce de nós mesmos, mas que é dom de Deus para os outros. Por sua vez, a

universidade como tal poderia ter ficado somente como um lugar histórico do encontro do grupo de companheiros que fundaram a Companhia de Jesus. No entanto, esse ponto de partida acabou se tornando, efetivamente, um campo apostólico privilegiado do trabalho com a formação da juventude, aqui como em muitos lugares do mundo.

O Brasil é uma jovem nação, promissora e em pleno desenvolvimento. Mas o seu maior patrimônio é a juventude, sua gente. Paradoxalmente, aqui e em outros países da América latina, esse patrimônio está ameaçado, tanto pelas situações históricas de pobreza quanto pelas novas ilusões consumistas. Na verdade, faltam reais oportunidades para o desenvolvimento pleno da grande maioria dos jovens. E, mesmo para os privilegiados que alcançam uma formação profissional e técnica de qualidade, percebe-se a carência de valores humanísticos, capazes de transformar o destino de novas gerações. Em um caso e outro, esses jovens estão reféns de muitas situações, ou da pobreza enraizada e generalizada ou do consumismo exacerbado, impossibilitando-os de contribuir, efetivamente, com a necessária transformação das realidades históricas gritantes ou de evitar as novas formas de escravidão, alienação e empobrecimento. Na chamada “sociedade do conhecimento”, sabemos que a senha para entrar e participar é a aquisição do conhecimento. E, ao mesmo tempo, o conhecimento exclui ou torna-se motivo de exclusão da maioria, ficando nas mãos daqueles que detém o poder e controlam o acesso aos bens sociais.

A mundialização é uma realidade que, incontestavelmente, abriu novos horizontes de comunicação e possibilitou uma gama de relação entre os povos, inaugurando a “aldeia global”. Mas, como toda realidade humana, a globalização corre o risco de ficar somente na superficialidade e, sobretudo ela pode ampliar e generalizar as formas de exclusão. Oferecer uma “alternativa” é a segunda função do Profeta (sendo a primeira evidenciar e tornar visível o que está oculto de injustiça, de opressão e de corrupção). Nesse momento, por exemplo, milhares de estudantes de todo o mundo seguem cursos na Universidade de Harvard. Eu também estou fazendo um. Harvard e MIT, os dois gigantes acadêmicos de Boston, fizeram, há poucos meses, um acordo de milhões de dólares para colocar todos os seus cursos *on line* e cada mês que passa, novas universidades vão entrando nesse acordo. Um dos presidentes disse que o que queriam era oferecer sua educação GRATUITAMENTE a todos os que tiverem conexão internet. E isso, que é totalmente revolucionário, nos permite sonhar com uma alternativa à exclusão, quer dizer, criar centenas de “Centros de Estudo” pelo Brasil inteiro para que se possa educar a todos que estão excluídos da educação. A iniciativa provocou, em diversos países, a formação espontânea de grupos de estudantes que querem estudar juntos e grupos de tutores que que querem acompanhá-los, tornando possível assim uma interação que nos parece muito importante nesse momento de termos uma formação integral.

Nesse contexto, as universidades têm uma tarefa ímpar no aprofundamento crítico do fenômeno da globalização, bem como a possibilidade de propor alternativas concretas para minimizar os efeitos da exclusão. Em outras palavras, uma universidade católica jesuíta não pode se contentar em criticar e fazer diagnóstico dos grandes problemas da humanidade, mas tem como missão fazer dialogar os diversos saberes para buscar e propor alternativas de uma sociedade sustentável e realmente humana. De certa forma, um grande diferencial da universidade católica e jesuíta é a sua vocação humanística: sua identidade e missão de busca incessante da verdade mediante os diversos saberes, não se reduz a um exercício intelectual, mas se traduz em seguimento de Jesus Cristo, filho de Deus e Deus feito humano. Portanto, a missão universitária quer e pode contribuir na elaboração de novos humanismos, na perspectiva de humanização da própria humanidade: mais que uma redundância, trata-se de conceber o ser humano como uma obra inacabada, dentro de um processo dinâmico de crescimento e transformação, no exercício de sua liberdade e aberto à transcendência. Todos conhecemos o caso do menino travesso, que é dado como impossível em um Colégio, e quando iam expulsá-lo, saiu com esta: “Esperem, Senhores, porque Deus não concluiu o que está fazendo comigo”. Interessante como aqui na Unicap vocês propõe a todos os estudantes essas duas disciplinas obrigatórias de teologia: a primeira, Humanidade e Transcendência; a segunda, Humanismo e Cidadania.

Nesse contexto, identificamos a pedagogia jesuíta que, inspirada nos Exercícios Espirituais e aplicável a todo campo de ação, repousa sobre o princípio de que o ser humano e as realidades históricas podem ser transformados. Por isso a educação é uma mediação importante para a humanização. Nesse passo, além do ensino e da pesquisa, uma universidade tem um papel social indispensável na promoção de experiências marcantes e profundas, preparando o estudante para o exercício de uma profissão, descobrindo e desenvolvendo seus talentos na perspectiva de uma formação integral. Isso que deveria ser verdadeiro para toda universidade, em uma instituição católica e jesuíta, torna-se parte de sua própria razão de ser e de seu constante discernimento do sentido e da maneira de atuar. Isso significa, conseqüentemente, que a missão universitária é uma tradição em constante *aggiornamento*, para usar essa bela expressão do concílio Vaticano II que indica a necessidade vital de atualização dos motivos fundacionais de uma instituição.

O Papa Francisco pregando recentemente sobre Maria, sublinhou três palavras chaves: Escuta – Discernimento – Ação. Essa é, evidentemente, a versão inaciana do método Ver – Julgar – Agir. E é isso que queremos de nossos estudantes. Formar homens e mulheres que saibam ver e escutar, sentir e entender a realidade; que saibam julgar e discernir e, em seguida, possam atuar para tornar nosso mundo um pouco melhor.

2. Loyola, Paris, Recife... O mundo é a nossa casa

A cidade do Recife não foi escolhida por acaso: além de ser uma bela cidade, conhecida pelas suas inúmeras pontes e suas rebeliões libertárias, esse centro regional foi visto como um lugar estratégico que reunia as condições favoráveis à criação da primeira universidade católica do Norte e Nordeste, duas regiões marcadas ainda hoje pelos contrastes sociais, apesar de suas riquezas culturais. Esse desafio foi assumido como missão liderada pelos jesuítas, a serviço da Igreja e voltado para a transformação da região. De fato, o pioneirismo do povo pernambucano, sua vocação libertária e o espírito de abertura ao mundo, expressam um sentimento oceânico, tanto em razão de sua posição geográfica quanto de sua história, como sintetizava tão bem, não sem certo orgulho regional, um antigo programa da Rádio Jornal, “Pernambuco falando para o mundo”. De certa maneira essa “pretensão” de alcance da mensagem corresponde ao desejo e à missão de uma universidade aberta à universalidade dos saberes e das possibilidades, sobretudo no momento de uma globalização sem precedentes. O cenário das pontes dessa cidade também serve de metáfora para entender melhor o labor universitário: segundo um documento da Congregação Geral 35, um traço distintivo de nossa missão é saber “construir pontes” entre pobres e ricos, interconectando realidades distantes. E a formação acadêmica é um “bom material de construção” dessas pontes, vislumbrando a contribuição de cada um de nós na construção da sociedade que buscamos, uma sociedade sustentável, ambiental e humanitariamente, sinal visível do Reino de Deus.

E, conforme reza a “Carta de Princípios” da Unicap, essa universidade não apenas “está” no Nordeste, mas assume o rosto desse povo e deseja trabalhar pelo desenvolvimento da região, formando profissionais qualificados e cidadãos críticos e atuantes. De certa forma, mais que desenvolver uma região trata-se de inclui-la no contexto nacional e no mundo globalizado, segundo os desafios da chamada sociedade do conhecimento. Várias gerações de estudantes, contando mais de 70 mil egressos, aprenderam não somente o que foi ensinado nas salas de aulas e laboratórios, mas também atuando em vários projetos nas comunidades e associações da região. Não é por acaso que está escrito em uma das entradas da Unicap, junto com o brasão da Companhia de Jesus, que o “campus da universidade é a cidade”. A cidadania, portanto, é parte inerente dessa missão. E tem que ser: pois os estudantes trazem à Universidade toda a Cidade, seus problemas e seus sonhos, seus preconceitos e suas verdades. E depois voltam à Cidade com uma bagagem transformada, livres e buscadores de Verdade, compreensivos e sensíveis à dor humana e às possibilidades de mudança, para que TODOS no país desfrutem dos abundantes bens do Brasil.

Enfim, sabemos que esse bairro central sempre foi palco de muitos movimentos sociais, sindicatos e organizações estudantis. Essas e outras formas de atuação crítica, algumas vezes reclamando melhorias na própria universidade, embora nem sempre possíveis de serem atendidas por razões diversas, são exercícios que contribuem para a formação de toda a comunidade acadêmica.

Não poucos desses jovens sonhadores e contestadores, assumiram funções e papéis importantes na transformação de uma realidade mais ampla, através de suas profissões ou de cargos na política, no domínio jurídico, na imprensa, na educação e, enfim, na vida social e econômica da região e do país. Alguns dos jesuítas que trabalham aqui, reitor, pró-reitor, professores e funcionários, foram alunos ou fizeram magistério aqui, além de vocações que surgiram no meio acadêmico. Outros deixaram a vida religiosa, mas permaneceram associados à missão universitária. Portanto, os que passam pela universidade são transformados e, não raras vezes, tornam-se importantes agentes de transformação social. Isso, e somente isso, justifica a presença de Jesuítas em uma Universidade.

3. Da universidade como “lugar de trabalho” à universidade como mediação da missão

Em uma ordem missionária e apostólica como a Companhia de Jesus, o lugar é muito importante, sobretudo porque é fruto de um discernimento não apenas no momento da “implantação” de uma obra, mas em seu exercício e finalidade. Primeiro, importa discernir onde marcar presença: porque um país, cidade ou região são lugares concretos onde podem surgir os apelos a uma atuação jesuíta, a partir de um contexto histórico, de demandas reais, dos apelos da Igreja e da incidência social. E, segundo, cabe discernir qual a melhor forma de atuação nesse lugar escolhido. No entanto, quer comecemos pela escolha do lugar ou pela forma de atuação, o processo de discernimento é mais importante, inclusive em relação ao futuro da permanência nesse lugar ou dessa forma. Somente o discernimento poderá assegurar a liberdade e disponibilidade do nosso modo de proceder, conforme o carisma inaciano.

A faculdade de Filosofia Ciências e Letras Manuel da Nóbrega nasceu, em 1943, da conjugação de vários fatores e alguns critérios de discernimento: os apelos da Igreja local datam de 1912, a grande demanda da região Nordeste no cenário nacional, e do desdobramento e consolidação da missão educativa jesuíta do então colégio Nóbrega. É interessante notar que os jesuítas aqui fundaram, em momentos sucessivos, cinco colégios, desde o antigo colégio de Olinda, hoje seminário arquidiocesano, ao Liceu Nóbrega de hoje. Os jesuítas foram expulsos do Brasil, no século XVII, tendo que deixar o colégio de Olinda. Voltamos a Pernambuco depois da Restauração da SJ, mas, em 1873, houve o fechamento de um novo colégio, São Francisco Xavier, no centro do Recife, por causa da questão religiosa em torno de Dom Vital. Portanto, a presença dos jesuítas aqui é fruto de um discernimento teimoso. De toda sorte, em 1951, oito anos depois de sua criação, a jovem Faculdade Nóbrega deu origem à Universidade Católica de Pernambuco, primeira católica do Norte e Nordeste, única jesuíta nessa grande metade do Brasil. Além do pioneirismo, a elevação dessa faculdade ao grau de universidade foi um sinal bastante significativo de confirmação do discernimento inicial e do apoio da sociedade local e de muitas instituições internacionais, sem os

quais dificilmente estaríamos hoje aqui e agora. Sabemos que, ao longo desses anos, a superação de tantos desafios e o cumprimento de novas exigências representou um exercício de coragem e perseverança para conjugar sustentabilidade financeira com a comprovada pertinência social e a visão apostólica da Unicap.

Nesse contexto, portanto, é uma grande satisfação realizar essa pequena visita no momento em que se celebram os 70 anos dos primórdios dessa importante missão: no contexto europeu, a Unicap seria uma jovem universidade, mas no Brasil, ela faz parte do panteão de instituições de tradição. Fazer a memória é, sem dúvidas, a melhor forma de reconhecimento do trabalho de bravos jesuítas e de várias gerações de colaboradores: esses pioneiros, homens e mulheres, merecem a nossa homenagem e ação de graças. Mas, ao mesmo tempo, cabe honrar o presente dos que continuam essa obra e fazem desse trabalho uma missão, revelando o potencial dinâmico dessa universidade, projetando-a para as próximas gerações. Afinal, uma universidade só tem futuro se ela souber superar os desafios que lhe são dados enfrentar, se revelar sua pertinência para a sociedade de cada época e se conseguir “atualizar” sua missão, contemporaneamente expressa nas orientações jesuítas com o binômio do “serviço da fé e promoção da justiça”. Em nome da SJ, portanto, aproveito para agradecer a Deus e a cada um de vocês, especialmente aos colaboradores, professores e funcionários da universidade, incluindo o Liceu Nóbrega e a Filial de Fé e Alegria Pernambuco; sabemos que além de colaborar decisivamente com essa obra, vocês fazem desse lugar de trabalho uma verdadeira missão de vida.

Há uma mudança importante na linguagem da Igreja com respeito à Missão. Hoje em dia se fala muitos círculos, incluindo o Papa, da “Missio Dei”. Quer dizer: da missão para além dos projetos concretos e particulares. O que realmente importa é o que Deus quer de nosso mundo. E nessa Grande Missão, todos nós participamos igualmente. Por isso, o agradecimento e a alegria. Em meu novo trabalho, senti que era importante reler Santo Inácio. Impressiona ver com que gratidão e carinho ele escreve aos cooperadores e benfeitores, em suas cartas se despede com esses termos: “...esta Mínima Companhia, que é tão vossa quanto minha”.

Em guisa de conclusão: tradição como “uma âncora lançada para o futuro”

Nesse 70º aniversário da pedra fundamental dessa universidade, gostaria de concluir, vislumbrando o futuro na perspectiva do “jubileu de diamante”, a partir de alguns pontos significativos para uma universidade em missão. Trata-se de reinterpretar a tradição como “uma âncora lançada para o futuro”, segundo a expressão da carta aos Hebreus (Hb 6,19). E o tempo é favorável. De uma parte, porque estamos na perspectiva de uma nova província jesuíta do Brasil: não se trata apenas de unificar as províncias regionais, mas, principalmente favorecer uma maior

cooperação entre as diversas formas de atuação. De outra parte, contemplando a Sociedade brasileira e a Igreja no Brasil, faz-se necessário identificar os maiores desafios da missão e suas “novas fronteiras”, estas não somente geográficas, mas também fronteiras ideológicas, culturais e humanitárias. Concluo, portanto, retomando alguns exemplos de parcerias em exercício, encorajando-os a seguirem essa pista:

- a colaboração de todos e de cada um, funcionários, professores e estudantes, na construção cotidiana de uma **verdadeira comunidade universitária**; no Brasil, as universidades comunitárias representam esse terceiro setor, nem público nem privado, ou “público não estatal”; para além dos aspectos jurídicos e políticos da questão, importa testemunhar os valores de uma verdadeira comunidade universitária. Todos vocês conhecem o livro sobre Educação de Hillary Clinton: “It takes a Village”. Sinto que aqui isso se pode tornar uma realidade, do contrário sofreremos todos.

- **a parceria afetiva e efetiva da Unicap com a Igreja local** na formação de seminaristas, religiosos/as e leigos para o maior serviço da fé. Aproveito para agradecer, muito sinceramente, ao arcebispo de Olinda e Recife, Dom Fernando Saburido, aos bispos das dioceses desse Regional, aos formadores e aos estudantes pela confiança depositada nesta nossa universidade. Quero felicita-los, muito sinceramente, porque levar os seus seminaristas à Universidade supõe uma visão de longo alcance. O que o Papa quer de seus Pastores é que conheçam a vida e os problemas de suas ovelhas, para melhor acompanhá-las em sua busca. Ele está assim nos animando a todos a “sair de casa” e ir às ruas. É o que vocês estão fazendo e isso resultará, sem dúvidas, em melhores pastores. Essa é uma importante missão para a SJ e podem contar com o meu apoio. Desejo aos professores, jesuítas ou não, que não meçam esforços para garantir uma formação sólida e aberta, preparando gerações para os desafios da missão futura. Nesse passo, essa universidade tem colaborado também na formação dos juniores jesuítas, transferido recentemente para o Recife: que os jovens jesuítas possam beber da fonte dos primórdios da SJ, refazendo os passos dos primeiros companheiros que se conheceram no meio universitário parisiense e fizeram seus estudos de Humanidades;

- a universidade tem muitos **convênios com instituições municipais, estaduais e nacionais na realização de vários projetos**, sobretudo na perspectiva da transformação social e maior incidência de nosso trabalho. Embora cientes da distinção entre Igreja e Estado nas democracias modernas e contemporâneas, precisamos fazer pontes para garantir o acesso de todos aos bens públicos, principalmente àqueles mais empobrecidos que ficam à margem. O Liceu Nóbrega é um belo exemplo dessa parceria com o Estado, assim como o Projeto Criança Esperança em parceria com empresas privadas, além de tantos outros projetos de assistência estudantil e responsabilidade social, desenvolvidos em toda a região. Talvez entre aqui o que mencionei anteriormente sobre o acesso à Internet para termos uma educação melhor para todos. Creio que seria importante criarmos grupos de

estudos nessa linha, pelas grandes vantagens que se tem: baixo custo para um país; muito rendimento; acesso aos melhores professores do mundo; elevação do nível da educação e cultura de todos.

- incentivo **vivamente as parcerias da Unicap com outras universidades jesuítas do Brasil e da América latina**, segundo a agenda da Ausjal (Associação de Universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina); na mesma linha, seria importante buscar formas de interagir com outras obras da Companhia de Jesus, como vem sendo feito com a Fundação Fé e Alegria do Brasil, com o Instituto Humanitas da Unisinos, agora também na Unicap; e, superando distancias maiores, encorajo a continuidade de colaboração com a região Amazônica, tanto na questão social (em parceria com o SARES) quanto na formação do clero, ultimamente (a serviço da Arquidiocese de Porto Velho).

- destaque, finalmente, a importância **da participação dessa universidade em várias redes de Educação Superior**, tanto no âmbito nacional como internacional, notadamente a Federação Internacional de Universidades Católicaas, na qual o reitor de vocês assumiu a presidência há um ano e que envolve toda a universidade.

Todas essas parcerias indicam, enfim, que não somos autossuficientes e que não podemos fazer nada sozinhos e isolados. Graças a Deus! É notável a insistência do Papa Francisco em não sermos “auto-referenciais. Isso vale ainda mais para uma Universidade. Mas, ao mesmo tempo, para além da necessidade por causa da diminuição do número de jesuítas, essas parcerias revelam um novo “modo de proceder” e um novo estilo de atuação em rede. Na verdade, sempre contamos com a colaboração de muita gente nas chamadas “nossas” obras. Mas, atualmente, além da necessidade, temos a firme e feliz convicção de que a colaboração é o novo jeito de ser e de atuar. Portanto, senhoras e senhores, professores e funcionários, amigos e parceiros, vocês não são meros colaboradores “dos” jesuítas. De fato, todos nós, homens e mulheres, somos colaboradores da missão do Cristo.